



Os caminhos da prosperidade

Indonésia tira mais de 100 milhões da miséria nos últimos 30 anos

— De 1990 a 2022, pobreza extrema foi de 62% para 2,5% da população; PIB per capita quintuplicou

JOSÉ FUCS

No livro *Realizing Indonesia's Economic Potential*, publicado pelo FMI em 2018, o economista Boediono, ex-presidente do Banco Central e ex-vice-presidente do país, faz uma afirmação que explica muito sobre a baixa visibilidade do vasto arquipélago asiático na arena global. “A Indonésia nunca se destacou na arte da autopromoção”, diz ele, que adota, como muitos indonésios, apenas o primeiro nome.

A ex-colônia holandesa, porém, tem bons motivos para ganhar os holofotes, com os resultados notáveis que obteve na redução da miséria nas últimas décadas. Para o Banco Mundial, o número de pessoas em situação de extrema pobreza, vivendo com menos de US\$ 2,15 (R\$ 10,75) por dia, em valores de 2017, ajustados pelo poder de compra, caiu de 114,3 milhões, em 1990, para 6,9 milhões, em 2022, num período em que sua população — a quarta maior do planeta — aumentou 51,2%, para 275,5 milhões. Em termos relativos, a miséria também caiu de 62,8% para 2,5% da população, no mesmo período.

Ainda há quase 7 milhões de indonésios vivendo abaixo da linha de pobreza, o que não é pouco. Apesar de a desigualdade ter caído, ela ainda está acima do que era no ano 2000. Além disso, quando se considera um ganho um pouco maior, de US\$ 3,65 por dia, o contingente incluído nesta faixa, que chegava a 91% do total em 1998, ainda engloba 20% da população. E, quando se sobe a barra para US\$ 6,85 por dia, a parcela da população enquadrada na categoria, que alcançava 99% há 25 anos, continua em torno de 60% do total.

Mesmo assim, o resultado transformou o país, que tem a maior população muçulmana do mundo, num dos grandes exemplos de enfrentamento da miséria. Até na pandemia, quando a pobreza aumentou em nível global, ela continuou a cair no país. “A Indonésia praticamente acabou com a pobre-

za”, disse a economista Satu Kahkonen, diretora do Banco Mundial para Indonésia e Timor-Leste.

AVANÇOS. Esta reportagem sobre a Indonésia faz parte da série *Os caminhos da prosperidade*, que aborda a diminuição da miséria na Ásia, cuja contribuição foi fundamental para a redução da pobreza no mundo. Como Bangladesh e outros países asiáticos, a Indonésia conseguiu compensar um certo desequilíbrio na repartição do bolo ao avançar em aspectos que vão além do combate à pobreza propriamente dita.

Hoje, os partos realizados pelo pessoal da área de saúde, que eram 40% do total em 1990, chegam a quase 100%, conforme o Banco Mundial. A taxa de mortalidade de crianças com até 5 anos caiu de 84 por mil nascimentos para 22 por mil no mesmo período. A vacinação de crianças de 12 a 23 meses contra o sarampo passou de 58% para 84% do total.

Ao mesmo tempo, a taxa de conclusão do ensino básico, que era de 94% do total de pessoas com idade oficialmente vinculada ao ciclo, agora está em 103%, indicando que um grupo mais velho, que havia deixado de estudar, voltou à escola. No caso do ensino fundamental, o Banco Mundial não divulga a taxa dos que conseguem chegar ao fim do ciclo. Mas as matrículas, que representavam 47% da população com idade correspondente a esta etapa, chegaram a 99% do total em 2022, de acordo com a instituição.

Até o grande número de motocicletas representa um sinal da melhoria nas condições de vida. A Indonésia tem uma das maiores frotas do mundo, boa parte das quais de baixa cilindrada, que consomem pouco combustível e tem custo relativamente baixo. Segundo a Statista, plataforma online alemã especializada na coleta de dados, havia 125 milhões de motocicletas na Indonésia em 2022, sete vezes mais do que o número de carros — no Brasil, para efeito de comparação, há 32,3 milhões de motos registradas,

segundo a Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran), enquanto o total de carros chega a 76,3 milhões. Em Jacarta, capital da Indonésia, oito em cada dez pessoas têm pelo menos uma moto.

Na Indonésia, como em qualquer lugar que reduziu drasticamente a pobreza, o grande motor da melhoria foi o crescimento econômico acelerado. Graças a isso, o país, que era um dos mais pobres do mundo, tornou-se a 16.^a economia mundial, com um PIB de US\$ 1,32 trilhão em 2022, cinco posições atrás do Brasil. Pelo critério do PIB ajustado ao poder de compra, a Indonésia ocupava a sétima posição, à frente do Brasil, em oitavo lugar.

FORÇA. O crescimento de 4,7% em média desde 1990 foi um pouco mais suave do que o de outros países da região nas últimas décadas, como China, Índia e Bangladesh, mas ainda ficou bem acima da média mundial, de 2,9%, e do Brasil, de 2,1%, no mesmo período. Com isso, a Indonésia passou a ser um país de renda média alta, a mesma categoria do Brasil.

Prosperidade
O PIB per capita cresceu 4,8 vezes, de US\$ 3,1 mil para US\$ 14,7 mil, entre 1990 e 2022

Os números falam por si. Entre 1990 e 2022, o PIB per capita em valores correntes, ajustado pelo poder de compra, cresceu 4,8 vezes, de US\$ 3,1 mil para US\$ 14,7 mil, enquanto o do Brasil aumentou 2,7 vezes e a média mundial, 3,7 vezes.

“Quando a maioria das pessoas pensa sobre a Indonésia, elas pensam em praias e templos ou em suas cidades fervilhantes, mas o país tem uma economia muito mais moderna, diversificada e dinâmica do que muitas empresas e muitos investidores internacionais imaginam”, dizem Robert Dobbs, Fraser Thompson e Arief Budiman, então executivos da McKinsey, uma das principais empresas de consulto-



ria, em artigo sobre o “milagre” econômico indonésio, publicada na revista *Foreign Affairs*.

Ao lado do crescimento econômico, puxado principalmente pelo aumento do consumo interno, os programas sociais também deram uma contribuição considerável para a redução da miséria. O Programa Esperança da Família (PKH, na sigla em indonésio), que funciona nos moldes do Bolsa Família, é emblemático. Ele atende 15 milhões de famílias em situação de pobreza (40 milhões de pessoas), com foco nos núcleos com crianças em idade escolar e nas mulheres grávidas ou que estão amamentando.

GARANTIAS. Já o programa de assistência à alimentação (BPNT) fornece um cartão para compra de alimentos básicos, como arroz e ovos, em estabelecimentos credenciados, enquanto o Sistema Nacional de Seguro Saúde garante o atendimento médico e hospitalar aos mais vulneráveis.

Nos primeiros 40 anos de vida, a Indonésia já vinha crescendo de forma vigorosa, de um jeito ou de outro, o que gerava algum efeito na redução da pobreza. Mas foi após a crise asiática, em 1997, quando o PIB levou um tombo de 13% e o então presidente Hadji Suharto — que assumiu o poder em 1968 por meio de um golpe militar e ficou 30 anos no cargo — caiu, que a Indonésia ergueu as ba-

ses de um novo ciclo de desenvolvimento.

Depois de a dívida pública chegar a 90% do PIB após a crise, o país aprovou uma lei estabelecendo um teto 3% do PIB para o déficit primário do governo e de 40% do PIB para a dívida pública, restrição só aliviada durante a pandemia. Hoje, de acordo com informações oficiais, a dívida está em 39% do PIB, menos da metade da brasileira, que está roçando os 80% do PIB — e contando.

Na Indonésia, como no Brasil na maior parte das vezes, o Banco Central é dirigido com autonomia por figuras respeitadas pelos investidores. Algo parecido acontece com o Ministério das Finanças. O mercado de capitais é relativamente livre e a Bolsa de Valores fechou 2023 com 833 empresas listadas, privadas e estatais.

Na área externa, apesar de a Indonésia ter voltado a apresentar os déficits em conta corrente que marcaram a década passada, a situação por ora não preocupa. As reservas cambiais, embora mais baixas que as do Brasil, chegam a US\$ 135 bilhões e oferecem tranquilidade para cobrir eventuais diferenças nas contas internacionais e enfrentar crises globais.

Neste cenário, em que a situação fiscal é relativamente tranquila e o quadro externo está mais ou menos sob controle, não chega a surpreender que, ao contrário do Brasil, a Indo-